

ILUMINAÇÕES DA *FRATELLI TUTTI* PARA A MISSÃO¹

Willians Roque de BRITO

No dia 03 de outubro de 2020, véspera da memória de São Francisco de Assis, o Papa Francisco surpreendeu o mundo com a sua carta Encíclica intitulada *Fratelli Tutti – Todos Irmãos*. Nela, convocou os cristãos e toda pessoa de boa vontade a se empenharem, de coração aberto, por um ideal comum, pelo qual se possa construir laços de fraternidade e amizade social. Em suas palavras, o Papa Francisco nos recordou “*como é importante sonhar juntos! [...] Sozinho, corre-se o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é junto que se constroem os sonhos*” (*Fratelli Tutti*, n.8).

A fraternidade universal encontra a sua raiz no evangelho e, portanto, era desejo de Jesus. Além do evangelho, ela é iluminada na vida de muitos santos e santas, entre eles Francisco de Assis. O santo ensinou os seus confrades reconhecerem todas as pessoas como irmãos e irmãs. Além dele, o Santo Padre menciona diversos homens e mulheres que deram a sua vida pelo ideal comum de fraternidade. Nessa linha, recordou-se também de Charles de Foucauld, de quem ele afirma: “*O seu ideal dum entrega total a Deus encaminhou-o para uma identificação com os últimos, os mais abandonados no interior do deserto africano. Naquele contexto, afloravam os seus desejos de sentir todo o ser humano como um irmão, e pedia a um amigo: “Peça a Deus que eu seja realmente o irmão de todos”. Enfim queria ser “o irmão universal”. Mas somente identificando-se com os últimos é que chegou a ser irmão de todos*” (*Fratelli Tutti*, n.287).

1. Da colegialidade à fraternidade

Enquanto a Igreja prepara e celebra o Sínodo de 2023, o Papa Francisco a tem desafiado a passar do clericalismo à sua vocação batismal. Esse novo estilo eclesial é marcado pelo substantivo *sinodalidade*. Assim, a Igreja passa, em menos de um século, do *Roma locuta, causa finita*² à atitude *sinodal*. A partir desse novo paradigma, todos os batizados são convidados a assumir sua parte específica na corresponsabilidade na missão confiada pelo Senhor. Esse espírito ajuda a compreender como se pode evangelizar, pela vida fraterna, a sociedade atual.

No Concílio Vaticano II, iniciou-se a retomada do estilo colegial da Igreja, através do qual os bispos se tornavam corresponsáveis com o papa na tarefa de governar, santificar e ensinar o povo. Sobre isso, a *Christus Dominus* afirma: “*os Bispos, participando da solicitude por todas as igrejas, exercem este seu ministério, recebido pela sagração episcopal, em união com o Sumo Pontífice e sob a sua autoridade, naquilo que se refere ao magistério e ao governo pastoral: todos*

¹ Artigo escrito por padre Willians Roque de Brito, presbítero diocesano incardinado à diocese de Marília, estado de São Paulo, Brasil. Padre Willians reside em Marília e possui bacharelado em Filosofia e Teologia pela Faculdade João Paulo II (FAJOPA). É pós-graduando em Missiologia, na mesma instituição. Além disso, é tesoureiro nacional da Fraternidade Sacerdotal Jesus+Caritas do Brasil e responsável pela Região de São Paulo.

² Ditado antigo utilizado pelos papas Inocêncio I e Alexandre VI para expressar a autoridade incontestável de suas decisões. (Trad. Própria: Roma falou, caso encerrado).

unidos num colégio ou corpo a favor de toda a Igreja de Deus.” (*Christus Dominus*, n.3). Com essas e outras definições da missão dos bispos, o Concílio desencadeou uma profunda transformação na visão ministerial.

O mesmo concílio, porém, recordava que a Igreja era missionária por natureza e, conseqüentemente, todos os batizados deveriam empenhar-se para acolher e viver essa missão. Nesse contexto, surge a primeira definição positiva da vocação laical, depois de muitos séculos: *“O povo santo de Deus participa também da função profética de Cristo, difundindo o seu testemunho vivo, sobretudo pela vida de fé e de caridade oferecendo a Deus o sacrifício de louvor, fruto dos lábios que confessam o Seu nome (cf. Hb 13,15)”* (*Lumen Gentium*, n.12).

Dessa corresponsabilidade haurida do Concílio, de que recorda que todos os batizados sejam inspirados por Deus, faz nascer a espiritualidade sinodal. Atualmente, o Papa Francisco denomina esse paradigma pelo substantivo *sinodalidade*. A partir dele, reconhece-se que ministros ordenados e não ordenados são sujeitos eclesiais e, por conseguinte, responsáveis pela sua atividade missionária. Nessa Igreja, todos devem e podem escutar o Espírito Santo através do encontro, do diálogo, da comunhão e do testemunho de vida. Por isso mesmo, a sinodalidade não pode ser autenticamente vivida sem uma disposição para a comunhão.

Se todos são responsáveis pela missão, todos os crentes têm a graça e o dever de testemunhar o evangelho com a vida a fim de construir uma sociedade mais justa e fraterna. Essa responsabilidade mútua deve sempre se orientar para a construção de uma sociedade onde todos, unidos sob a égide de Deus, compõe a única família humana. A sinodalidade amplia para os leigos o papel da colegialidade entre os bispos, segundo sua própria vocação. Dessa mesma maneira, a fraternidade amplia para todos os homens de boa vontade a sinodalidade existente na Igreja. Pois, apesar de aberta a todos, a fraternidade só é possível mediante o empenho solidário de todos os homens. O papa recorda, enfim, que a fraternidade é um espírito concreto que nos permite reconhecer no outro a face do Deus vivo, especialmente nos crucificados e abandonados do mundo.

Segundo Damian, Charles de Foucauld nos oferece uma grande luz para a vivência desse espírito fraterno, pelo qual se pode anunciar o evangelho: *“você quer saber o que se pode fazer pelos nativos: não é hora de falar-lhes diretamente de nosso Senhor; seria afugentá-los. É preciso confiar neles, fazer-se amigo, prestar-lhe pequenos favores, dar-lhes bons conselhos, unir-se em amizade a eles, exortá-los discretamente a seguir a religião natural, provar-lhes que os cristãos se amam... Gritar o Evangelho de cima dos telhados, não com palavras, mas com a vida”* (*CHARLES DE FOUCAULD apud. DAMIAN, p.104, 2007*). Entende-se, assim, que a vivência fraterna é um gesto profético e evangelizador, pelo qual aqueles que não conhecem o Senhor podem experimentá-lo na bondade de seus discípulos: *“Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus”*

(Mateus 5,20). Charles de Foucauld testemunha que o evangelho pode ser melhor acolhido muito mais pelo exemplo de vida que por palavras e altas teologias. A promoção e a vivência da fraternidade são o caminho mais atual e eficaz de evangelizar o mundo. A missão acontece mais eficazmente no exercício da fraternidade. Por isso, adentraremos acerca da melhor maneira de viver esse espírito fraterno.

2. Uma fraternidade sem fronteiras, sem muros e com abertura de coração

Tendo compreendido que a fraternidade só é possível através de um caminho conjunto, ela certamente concretiza e estende a espírito sinodal a todas as pessoas. O Papa Francisco afirma: *“Desejo ardentemente que, neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade”* (Fratelli Tutti, n.8). Deste modo, o pontífice explicita o desejo de uma evangelização que se inicie pela cultura do encontro não de simples imposição dos dogmas da fé. É preciso reconhecer que Deus criou todos os seres humanos iguais em direitos, deveres e dignidade, chamando-os a viver como irmãos (cf. Fratelli Tutti, n.5).

Esta abertura, segundo o Papa Francisco, não deve ser feita aos moldes da atual economia globalizada. Segundo o pontífice, esse modelo econômico promove, financia e se apropria de conflitos locais para impor um modelo cultural único. *“Essa cultura unifica o mundo, mas divide as pessoas e as nações”* (Fratelli Tutti, n.12), afirma o papa, sem nenhum respeito pelas diversas identidades. Essa imposição do globalismo econômico gera conflitos e guerras em muitas nações. Nesse contexto, a política se enfraquece enquanto busca pelo bem comum, fazendo reinar o mais forte sobre o mais fraco. Esse modelo da globalização econômica não seria eficaz para evangelizar, mas descontrói a unidade e provoca contendas.

O papa indica que o mundo vive uma grande diminuição de consciência histórica dos males já vividos pela humanidade. Princípios causadores das guerras mundiais, que deixaram feridas e cicatrizes na humanidade estão ficando apagados. Apenas consciência histórica esclarecida colabora efetivamente para evitar o mal e buscar o sonho coletivo do bem, da paz e da fraternidade. Apesar das sombras, o missionário continua a semear, pois também *“Deus continua a espalhar sementes do bem pela humanidade”* (Fratelli Tutti, n.54). A experiência da pandemia do novo coronavírus, que espalhou a covid-19, recordou-nos que ninguém se salva sozinho e que a salvação é uma poesia comunitária. O pessimismo não faz parte da evangelização, pois na própria raiz, evangelho é alegria e esperança.

Na *Fratelli Tutti*, o papa recorda que existe o lampejo da bondade e da solidariedade e muitas pessoas, mesmo as não batizadas. Por causa deles e de Jesus, não se pode deixar morrer a esperança. Debaxo das asas de Deus, que cerca de cuidado toda pessoa que o acolhe, o cristão é desafiado a viver e caminhar na esperança, porque ela *“é ousada, sabe olhar para além das*

comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna” (Fratelli Tutti, n.55). A esperança, portanto, é um convite a superação das barreiras da autoproteção e da autorreferencialidade.

“A proposta é fazer-se presente a quem precisa de ajuda, independentemente de fazer parte ou não do próprio círculo de pertença” (Fratelli Tutti, n.81). Neste sentido, a missão precisa acontecer entre os mais pobres e fragilizados da sociedade. A verdadeira missão se deve realizar nas periferias geográficas e existenciais. Frequentar as periferias sempre será ir além da fronteira e, nisso, é que se realiza a missão *Ad Gentes*. Essa atuação não ocorre de forma demagógica, mas se dá na forma de uma presença física, amiga e sincera com todas as pessoas, mesmo com as que não possuem a mesma fé e até com as que nem a fé possuem.

3. O diálogo como forma de evangelizar e evangelizar-se

Antes do século XX, anunciar o evangelho significava impor a fé e a cultura europeia sobre os povos não europeus, até que estes fossem completamente transformados em membros da única e verdadeira Igreja de Cristo. Esse modo de pensar era explícito no axioma latino *“Extra Ecclesiam nulla salus”*, isto é, *“Fora da Igreja não há salvação”*. Acreditava-se piamente que qualquer pessoa não católica estaria fadada ao inferno, tratando a Igreja como *Societas Perfecta (Sociedade Perfeita)*.

Apenas no início do século XX iniciou-se um processo de desenvolvimento de uma teologia mais adequada à evangelização dos povos. Tratava-se do mesmo Espírito que insuflava seus ares no coração de Charles de Foucauld, no deserto africano. O Concílio Vaticano II mudou completamente o panorama, passando a compreender que a proximidade e o diálogo são sementes potentes da evangelização. Na Fratelli Tutti, Francisco é enfático: *“Aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato: tudo isto se resume no verbo “dialogar”. Para nos encontrar e ajudar mutuamente, precisamos de dialogar. Não é necessário dizer para que serve o diálogo; é suficiente pensar como seria o mundo sem o diálogo paciente de tantas pessoas generosas, que mantiveram unidas famílias e comunidades. O diálogo perseverante e corajoso não faz notícia como as desavenças e os conflitos; e contudo, de forma discreta mas muito mais do que possamos notar, ajuda o mundo a viver melhor” (Fratelli Tutti, n.198).*

A Fratelli Tutti nos convida a uma evangelização que se realize muito mais pela força do testemunho e da presença luminosa que pela influência das palavras. Já era possível retirar essa intuição em Charles de Foucauld, quando afirma a importância de *“gritar o evangelho acima dos telhados, não com palavras, mas com a vida” (Charles de Foucauld)*. É preciso *“dar-se totalmente a todos para dá-los todos a Jesus, prestando todos os serviços possíveis, afetuoso nos contatos, terno irmão para todos, a fim de levar pouco a pouco as almas a Jesus, praticando a sua*

mansidão” (CHARLES DE FOUCAULD apud. DAMIAN, 2007, p.105). Assim, o diálogo e o testemunho se confirmam como a mais autêntica forma de missão no século XXI.

A partir do diálogo e da abertura de coração ao outro, o cristão poderá estabelecer a cultura do encontro proposta pelo papa na encíclica sobre a amizade social. *“Irmão Charles está convencido de que a conversação aproxima as pessoas, supera divisões, facilita e possibilita a amizade”* (MIGUEL SAVIETO apud. AZEVEDO, 2022)

Evangelizar no estilo proposto por Francisco significa superar o globalismo que impõe uma cultura dominante. A Fratelli Tutti diz que é possível semear o evangelho ao reconhecer o que há de belo e verdadeiro nas culturas locais. Essa postura não é nova, mas é uma herança de São Justino, que através do conceito *Semina Verbi* reconhecia a manifestação de Cristo em toda cultura. O papa recorda que a valorização do outro gera uma amizade verdadeira capaz de entender que, pela bondade, o poder de Deus age na vida cristã e convida as pessoas a se admirarem de tal modo que possam vir a reconhecer e louvar o próprio Senhor (cf. Mateus 5,20).

A construção dessa amizade que evangeliza é o reconhecimento de que a unidade é superior ao conflito e à imposição (cf. Fratelli Tutti, n.244). Portanto, faz-se necessário compreender que o culto sincero a Deus não deve ser portador de discriminação, ódio e violência. Pelo contrário, tais realidades só ofuscam a visão autêntica do bom e amado Senhor Jesus, pois *“quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor”* (1 João 4,8), pois quem ama a Deus deve também amar o seu semelhante. *“Com efeito, Deus todo poderoso não precisa ser defendido por ninguém e não quer que seu nome seja usado para aterrorizar as pessoas”* (Fratelli Tutti, n.285).

4. A imagem do Bom Samaritano: um estranho no caminho

Antes de iniciar qualquer reflexão, é preciso lançar um olhar pessoal sobre essa parábola tão provocadora. Portanto:

Um doutor da Lei se levantou e, querendo experimentar Jesus, perguntou: “Mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna?” Jesus lhe disse: “Que está escrito na Lei? Como lês?” Ele respondeu: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração e com toda a tua alma, com toda a tua força e com todo o teu entendimento; e teu próximo como a ti mesmo!” Jesus lhe disse: “Respondeste corretamente. Faze isso e viverás”. Ele, porém, querendo justificar-se, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?” Jesus retomou: “Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos de assaltantes. Estes arrancaram-lhe tudo, espancaram-no e foram-se embora, deixando-o quase morto. Por acaso, um sacerdote estava passando por aquele caminho. Quando viu o homem, seguiu adiante, pelo outro lado. O mesmo aconteceu com um levita: chegou ao lugar, viu o homem e seguiu adiante, pelo outro lado. Mas um samaritano, que estava viajando, chegou perto dele, viu, e moveu-se de compaixão. Aproximou-se dele e tratou-lhe as feridas, derramando nelas óleo e vinho. Depois colocou-o em seu próprio animal e o levou a uma pensão, onde cuidou dele. No dia seguinte, pegou dois denários e entregou-os ao dono da pensão, recomendando: ‘Toma conta dele! Quando eu voltar, pagarei o que tiveres gasto a mais’. Na tua opinião – perguntou Jesus –, qual dos três foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” Ele respondeu: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. Então Jesus lhe disse: “Vai e faz tu a mesma coisa”. (Lucas 10,25-37)³

3 Bíblia Sagrada, tradução oficial da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

O Papa Francisco recorda, a partir dessa passagem, o relato de Caim e Abel. Naquela ocasião, a pergunta de Deus ressoou aos seus ouvidos: “*onde está o seu irmão?*” A esta pergunta, Caim respondera “*acaso sou eu o guarda do meu irmão?*” (*Gênesis 4,9*). Vê-se, aqui, a indiferença cultivada Caim, sem perceber o mal do fratricídio que cometera.

Não é de sempre que o amor ao próximo significou algo superior à família ou aos compatriotas (cf. Levítico 19,18), ainda que houvesse elementos de abertura em suas entranhas (cf. Sirácida 18,13). Na parábola do bom samaritano, homem de cultura considerada pagã para os judeus de hierosolimitas, fez a experiência de extrapolar os limites. Ele tomou a iniciativa, aproximando-se do homem que estava ferido e abandonado. Ali, revelou que para ser próximo não precisa ser compatriota, muito menos parente. Jesus apresenta a proximidade que não espera a iniciativa alheia, mas tem a coragem de primeirear. Nesse contexto, a *Fratelli Tutti* retoma uma intuição importante, já apresentada na *Evangelii Gaudium*: “*A Igreja ‘em saída’ é a comunidade de discípulos missionários que ‘primeireiam’, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. Primeireiam – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1 Jo 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva. Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa!*” (*Evangelii Gaudium*, n.24)

Apesar do princípio vital de fraternidade ser prevalente nas primeiras comunidades, Paulo precisou exortá-las a não o esquecer, convidando-as a terem caridade mútua, estendendo-a até mesmo para os gentios: no amor “*não se faz mais distinção entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre, porque agora o que conta é Cristo, que é tudo e está em todos. Portanto, como eleitos de Deus, santos e amados, vesti-vos com sentimentos de compaixão*” (*1 Tessalonicenses 3,11-12*). Foi essa a compaixão experimentada pelo samaritano. O Papa Francisco destaca que ele ofereceu seu tempo ao ferido. Talvez possuísse planos de aproveitar seu dia de outras formas, mas dedicou um momento de atenção a quem precisava. (cf. *Fratelli Tutti*, n.63)

Através desta parábola, o Papa recorda que é impossível ser Igreja e simultaneamente ser indiferente a dor dos pobres, marginalizados, explorados e esquecidos. Pois, se alguém diz amar a Deus a quem não vê e odeia o seu irmão a quem pode ver, é mentiroso (cf. 1 João 4,20). A indiferença é, talvez, a forma mais sutil desse ódio. “*Vemos como reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada, filha duma profunda desilusão que se esconde por detrás desta ilusão enganadora: considerar que podemos ser onipotentes e esquecer que nos encontramos todos no mesmo barco. Esta desilusão, que deixa para trás os grandes valores fraternos, conduz*

«a uma espécie de cinismo. Esta é a tentação que temos diante de nós, se formos por este caminho do desengano ou da desilusão. (...) O isolamento e o fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas é a proximidade, a cultura do encontro. O isolamento, não; a proximidade, sim. Cultura do confronto, não; cultura do encontro, sim” (Fratelli Tutti, n.30). Da mesma maneira, citou São João Crisóstomo que dizia: “*Queres honrar o corpo de Cristo? Não permita que seja desprezado nos seus membros, isto é, os pobres que não têm o que vestir, nem o honres aqui no templo com vestes de seda, enquanto lá fora o abandona ao frio e à nudez*” (Fratelli Tutti, n.74). Trata-se, portanto, não apenas de acolher o pobre pelo pobre, mas de acolher o Cristo em sua pessoa.

Ao examinar esse texto, Francisco nos recorda que “a proposta é fazer-se presente a quem precisa de ajuda, independente de fazer parte ou não do próprio círculo de pertença” (Fratelli Tutti, n.81). Nesse sentido o texto nos ajuda a entender que o Samaritano foi aquele que *se fez próximo*. A grande questão é deixar de lado a indiferença, fazendo-nos próximos a quem quer que seja. Esta proximidade pode acontecer em muitos ambientes: nas relações cotidianas, num sorriso singelo e afetuoso, na participação dialógica no debate político, nas organizações populares etc. Assim, já não se pergunta mais se existe um próximo a quem ajudar, mas procura-se aproximar daqueles que necessitam. Segundo o papa Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, “o testemunho de uma vida autenticamente cristã, entregue nas mãos de Deus, numa comunhão que nada poderá interromper, e dedicada ao próximo com um zelo sem limites, é o primeiro meio de evangelização” (Evangelii Nuntiandi, n.41).

Conclusão

A Fratelli Tutti nos ensina que não se pode sonhar sozinho, faz necessário o encontro, o diálogo, a abertura de coração. A evangelização e a renovação do mundo não se operam pela força dos argumentos nem pela apresentação de uma sociedade perfeita que se constrói apenas com a apresentação de um ideal. Apenas no sonho comum de amizade e fraternidade é que se pode construir a justiça, que tem como consequência a paz. Trata-se do que os missiólogos brasileiros têm denominado de missão *Inter Gentes – com os povos*. O testemunho evangélico de quem gasta a sua vida pelo bem, por amor a Deus e ao próximo, é a forma mais atual de gritar o evangelho sobre os telhados. Acima dos argumentos está o amor, que é o vínculo que conduz tudo à perfeição (cf. Colossenses 3,14). Sem ele, toda obra seria inanimada.

Por fim, como o amor é uma lei feita para que cada pessoa possa se extasiar quando o pratica, ele pode gerar intimidade e laços tão fortes que se originem processos de transformação, acrescentando experiências ricas e oportunas ao ser e ao agir eclesial. Diante da prática do amor o evangelho é anunciado, silenciosamente, mas com potência total, onde até mesmo certos dogmas podem ser relativizados. Tudo isso porque o ideal comum é superior a confrontação. Fazer-se próximo, amigo, fraterno é a grande obra de evangelização capaz de abrir os corações no século

XXI. E isso já era intuído pelo irmão Carlos desde o início do século passado. É urgente uma evangelização que brote do testemunho cristão, pois “*o ouvido vê através do olho e o olho escuta através do ouvido*” (*Santo Agostinho*). Por isso, é preciso “*gritar o evangelho com a vida*” (*Charles de Foucauld*), pois os olhos são capazes de abrir qualquer ouvido ao chamado de Deus.

Oração ao Criador
(Papa Francisco – Fratelli Tutti, n.287)

Senhor e Pai da humanidade,
que criastes todos os seres humanos com a mesma dignidade,
infundi nos nossos corações um espírito fraterno.
Inspirai-nos o sonho de um novo encontro, de diálogo, de justiça e de paz.
Estimulai-nos a criar sociedades mais sadias e um mundo mais digno,
sem fome, sem pobreza, sem violência, sem guerras.

Que o nosso coração se abra
a todos os povos e nações da terra,
para reconhecer o bem e a beleza
que semeastes em cada um deles,
para estabelecer laços de unidade, de projetos comuns,
de esperanças compartilhadas. Amém.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Wagner Fernandes de. **O deserto de Charles de Foucauld: hospitalidade, fraternidade e mística.** Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/192-paginas-especiais/608857-charles-de-foucauld#:~:text=Irm%C3%A3o%20Charles%20est%C3%A1%20convencido%20de%20que%20a%20conversa%C3%A7%C3%A3o,muito%20simples%20como%20a%20experimentou%20Charles%20de%20Foucauld>. Acessado em: 12 jul 2022.

CNBB. **Bíblia Sagrada.** Brasília: Edições CNBB, 2019.

DAMIAN, Edson Tasqueto. **Espiritualidade para o nosso tempo – com Carlos de Foucauld.** São Paulo: Paulinas, 2007.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti – Sobre a fraternidade e a amizade social.** São Paulo: Paulus, 2020.

PAULO VI, Papa. **Evangelii Nuntiandi - Sobre a evangelização no mundo contemporâneo.** Paulinas: São Paulo, 2006.